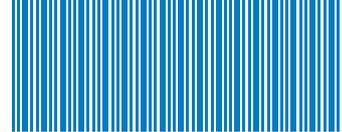


Editorial

A Revista *Veras*, mantendo o compromisso com a reflexão crítica e a disseminação de conhecimento relevante na área da Educação, traz uma entrevista e seis artigos que convidam a repensar práticas e paradigmas. Abrindo esta edição, uma entrevista com Patrícia Sadovsky, renomada pesquisadora da Didática da Matemática, que, a partir de sua longa experiência com formação de professores na Argentina e no Brasil, compartilha suas reflexões sobre a “Pedagogia da Tentativa”, entre outras proposições para um maior engajamento dos alunos nas atividades de sua disciplina. Essa abordagem valoriza o processo de aprendizagem, o engajamento dos alunos e a importância de superar o medo do erro. Nossa entrevistada lembra que o trabalho docente está sempre carregado de incertezas, pois a dinâmica de uma aula depende tanto da preparação do professor, e de sua própria performance como condutor da ação em sala de aula, quanto de como a turma reage. Daí que a escuta atenta e a interpretação do pensamento dos alunos, de seus caminhos de resolução, são fundamentais para promover um aprendizado significativo.

Patrícia Sadovsky destaca também a importância do trabalho coletivo entre os professores, tanto no planejamento quanto, posteriormente, na análise das práticas. Se, como ela recomenda, é preciso perder o medo de errar (e isso vale para mestres e alunos), a reflexão posterior sobre esses erros – tanto os cometidos pelos alunos quanto, eventualmente, algum problema detectado na condução do tema pelo professor ou professora – torna-se um importante instrumento de análise. Com isso, aos poucos, aquele grupo de docentes de uma mesma disciplina criará uma “memória institucional coletiva”, na qual novas experiências continuamente são agregadas. Vale destacar que essas são observações que transcendem a didática da Matemática, pois valem para docentes de todas as áreas. Trata-se de se atentar à forma como as crianças aprendem e apurar a mediação entre os pares, exercitando uma escuta atenta e dialogando com as dinâmicas sociais próprias de cada escola, e dentro dela, de cada turma.

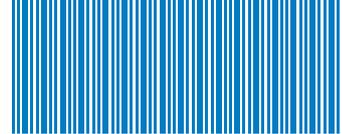


Complementando a entrevista com Patrícia Sadovsky, esta edição da *Veras* apresenta seis artigos que exploram diferentes dimensões do universo educacional. *Escola para todos? Um olhar crítico sobre a construção de uma cultura inclusiva em uma escola brasileira com currículo internacional*, contribuição de Bruno José Betti Galasso e Maria Laura Sanches Toca, mergulha no contexto de uma escola brasileira com currículo internacional para analisar a implementação de práticas inclusivas. A pesquisa, realizada por meio de questionários *online* com professores, revela a importância do alinhamento entre o projeto político-pedagógico, o currículo e a formação docente para a construção de uma cultura que valorize a diversidade.

O artigo *Uma mala fabulosa: literatura, infância e gesto*, de Anna Luiza Lima Guimarães, apresenta a experiência do projeto *A Fabulosa Mala dos Menores Livros do Mundo*, que alia literatura e miniatura para despertar o encantamento e a criatividade das crianças. A partir da materialidade dos livros – sanfonados, bordados, dobráveis, minúsculos – e da criação artesanal de minilivros, a autora discute como o ato de narrar se expande para além do texto, tornando-se um gesto concreto de autoria e experimentação estética. O relato aproxima-se das formas como as crianças se relacionam com a leitura, especialmente quando, munidas de papel, tesoura e grampeador, passam de leitoras a criadoras, elaborando suas próprias histórias em pequenos formatos. Ao transformar a leitura em um jogo de descoberta e produção, o projeto tensiona as fronteiras entre literatura e gesto, abrindo caminhos para pensar a infância como um território de experimentação e invenção narrativa.

Por sua vez, *O feminino contemporâneo brasileiro: autodefinição, afirmação e pertencimento da identidade das mulheres trans e travestis na categoria mulher*, de Maria Eduarda de Camargo Panhan e Ronaldo Alexandrino, propõe uma reflexão sobre a construção da identidade de mulheres trans e travestis no Brasil contemporâneo. A partir de referenciais teóricos como Simone de Beauvoir e Judith Butler, a análise busca compreender como esses sujeitos sociais buscam autodefinição, afirmação e pertencimento na categoria mulher, desafiando estruturas de poder e lógicas de controle.

Já Alvaír Silveira Torres Junior, em seu artigo *Refletir e educar: a natureza não é recurso*, nos convida a repensar a linguagem que utilizamos quando fazemos alguma referência à natureza, questionando o uso do termo “recurso” e propondo a sua



substituição por “agência”. Torres Junior argumenta que essa mudança conceitual seria fundamental para transformarmos nossa relação com o meio ambiente, reconhecendo a natureza como protagonista e agente de transformação.

Bastante impactante é a leitura de *Não existe nada mais perigoso no Brasil do que ser um jovem negro: Representações sociais de raça e juventude*. Nele, Elisabete Figueroa dos Santos, Bruna Souza Ribeiro e Airton Pereira Júnior analisam as representações sociais sobre jovens negros veiculadas na mídia brasileira. A pesquisa revela como essas representações são atravessadas pelo racismo e seus desdobramentos ideológicos, expondo a violência racial, o racismo estrutural da sociedade brasileira e a associação de jovens negros à criminalidade e à suspeição.

Finalmente, como nada do que é humano é alheio ao processo educativo, a morte também pode ser tematizada; neste caso, mais especificamente, o luto dos pais. Em *O luto paterno por perdas perinatais: uma revisão integrativa da última década*, Aimê Parente de Sousa e Rebecca Holanda Arrais apresentam um estudo que é uma revisão integrativa da literatura sobre o luto paterno decorrente de perdas perinatais, abordando dessa forma um tema raro na esfera educacional, e também com poucos estudos na área da Psicologia. Ao analisar artigos publicados na última década, a pesquisa busca compreender os aspectos psicossociais dessa experiência de luto, identificando categorias como reações à perda, apego ao bebê, repercussões na identidade paterna e expectativas de gênero a partir de modelos impostos por uma sociedade na qual o sofrimento masculino muitas vezes é visto como vergonhoso – ou sinal de fraqueza. O que está longe de ser verdade, especialmente em situações trágicas como a da perda de um filho antes ou durante o trabalho de parto.

Assim, a Revista *Veras* convida você, leitor, a se aprofundar nessas reflexões e a compartilhar conosco o seu olhar sobre os desafios e as possibilidades da educação no século XXI.

Regina Scarpa (Diretora-pedagógica do Instituto Vera Cruz),
Ricardo Prado e Catarina Decome Poker (editores da *Veras*)

